

José Sarney arrepende-se do Plano Cruzado 2

Liliana Lavoratti
de São Paulo

Vinte anos depois de ter assumido o comando do primeiro governo civil pós-regime militar e realizado o que ele próprio denomina de "engenharia política exitosa", o ex-presidente do Senado e do Brasil José Sarney (PMDB-AP) confessa um de seus maiores arrependimentos: o Plano Cruzado 2. "Se alguém chegasse para mim hoje e dissesse: 'Presidente, corte sua mão ou assine o Cruzado 2, eu juro que cortava a minha mão'", afirmou Sarney durante gravação, na última sexta-feira, do programa Roda Viva, da TV Cultura, apresentado ontem à noite.

O Plano Cruzado 1 — que segurou a inflação por meio do congelamento de preços e despertou uma febre de consumo na população, estimulando o surgimento dos "fiscais do Sarney" nos supermercados — acabou se esgotando por falta de oferta. Várias correções tiveram de ser feitas. A principal delas, o Cruzado 2, em novembro de 1986, aumentou impostos de cinco produtos, entre eles perfumes e bebidas, com a intenção de cobrar mais tributos dos ricos.

Continua na página A-8

GAZETA MERCANTIL

15 MAR 2005

DOCUMENTO

GAZETA MERCANTIL 15 MAR 2005

José Sarney arrepende-se do Plano Cruzado 2

Liliana Lavoratti
de São Paulo

Continuação da página A-1

A medida, no entanto, acabou gerando mais inflação, afetou toda a população e suscitou uma onda de protestos contra o governo. "O João Sayad (ministro do Planejamento) e o Dilson Funaro (ministro da Fazenda) não se entendiam sobre o Cruzado 2", revela Sarney, evocando o caráter de ciência duvidosa dos planos econômicos. Segundo ele, Sayad era contra o aumento dos impostos, mas concordou com Funaro para não ser responsabilizado, pelo PMDB, por cisão no governo. Como Sarney havia assumido a Presidência da República no lugar de Tancredo Neves, eleito pela Aliança Democrática, na qual o PMDB era uma das forças centrais, e Ulysses Guimarães, uma das mais expressivas lideranças políticas, o partido tinha grande influência sobre o governo Sarney.

Embora reconheça que o Cruzado 1 embutia "uma bomba de destruição", o gatilho — a correção automática de salários toda vez que a inflação atingisse certo patamar —, o plano cumpriu sua finalidade. "Eu não tinha força política para adotar medidas ortodoxas, isso geraria desemprego e convulsão social. Optamos por um plano heterodoxo. Se tivesse assumido a cartilha do Fundo Monetário Internacional eu teria sido deposto, pois não tinha base de apoio forte."

O político, poeta e historiador

contou que o Cruzado foi a terceira etapa da estratégia usada por ele para legitimar seu governo, assumido em circunstâncias especiais. Em 15 de março de 1985, o vice-presidente Sarney assumiu a Presidência no lugar de Tancredo Neves, hospitalizado no dia anterior. "Eu não conhecia os ministérios nem sabia quem tinha sido nomeado", disse sobre o momento histórico em que teve de tomar posse primeiro provisoriamente e efetivado após o falecimento de Tancredo.

Para realizar a transição de forma pacífica, Sarney buscou o apoio dos militares, porém sem militarismo — que segundo ele é a agregação de poder político ao poder militar. "Estimulei o profissionalismo das Forças Armadas, que havia sido abandonado", ressalta. Presidente do PDS — partido aliado do governo militar, que se colocava contra as eleições diretas naquele momento —, Sarney ampliou a aliança com partidos de esquerda, legalizando aqueles que estavam na clandestinidade, como o PC do B.

Em seguida, convocou a Constituinte. Esse processo de legitimação do presidente foi concluído com o Cruzado.

Outra confissão do senador diz respeito à moratória da dívida decretada em 1987, quando o Brasil sus-

pendeu o pagamento de juros aos credores externos. "O certo era ter chamado os bancos para negociar, como acontece hoje." Com as reservas internacionais suficientes apenas para pagar três meses de importações, o ex-presidente diz que foi aconselhado a decretar a moratória. "Falei com presidentes de vários países da América do Sul, que apoiaram

a idéia, mas depois deixaram o Brasil sozinho com a moratória na mão."

Um dos pilares do primeiro governo da Nova República, a Constituinte não daria certo hoje. "A Constituição de 1988 representa um grande avanço nos direitos sociais, mas a Carta também teve muitos erros que estamos até

hoje desfazendo." Tramitam no Congresso mais de 1,5 mil propostas de emenda constitucional para reformar a Constituição.

O grau de maturidade da democracia brasileira torna mais difícil a convergência de interesses em uma Constituinte, analisa Sarney. Já o Pacto Social, malsucedido, foi proposto por ele com a intenção de obter uma trégua na área social. "Isso devia ser perseguido por todos os governos."

A predominância da conciliação no lugar de fortes rupturas é uma das melhores características dos brasileiros. Com essa frase, Sarney, um



José Sarney

dos políticos que mais soube fazer uso da negociação para harmonizar interesses contrários explica boa parte de sua trajetória na história do País. Ele ressalta que graças a essa qualidade o Brasil é um dos poucos países que realizou a transição democrática sem traumas.

"Não sou crítico desse lado brasileiro que busca a conciliação, essa é uma marca", assegurou durante o Roda Viva, da TV Cultura, apresentado ontem à noite. Olhando para o passado e para o presente, Sarney diz se sentir feliz por ter participado — e de um lugar privilegiado — da construção da democracia e mais recentemente do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O governo Lula incorpora os trabalhadores no poder, na sequência do que já havia ocorrido com outros setores econômicos e sociais. "Fiz minha parte quando em 2002 saí a público afirmando que Lula não era o diabo que estavam pintando", adiciona.

Apesar de ter encerrado o seu governo com inflação de 80% ao mês, Sarney diz que seus feitos na área econômica "se não foram brilhantes, foram capazes de sustentar a pacífica transição política". "Está difícil de repetir a taxa de crescimento da economia daquela época, de 5% ao ano." Boa parte dessa inflação ele atribui ao efeito das candidaturas Collor e Lula, que em 1989 foram para o segundo turno das eleições presidenciais. "Mesmo assim, saí do Palácio do Planalto pela porta da frente e me surpreendi quando não fui hostilizado pela multidão."